



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

Mirella Munhoz Morello

TRADUÇÃO E CENSURA EM LEGENDAS DO INGLÊS PARA O PORTUGUÊS
EM SERIADOS NORTE-AMERICANOS

Campinas
2013
Universidade Estadual de Campinas

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

Mirella Munhoz Morello

TRADUÇÃO E CENSURA EM LEGENDAS DO INGLÊS PARA O PORTUGUÊS
EM SERIADOS NORTE-AMERICANOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Instituto de Estudos da Linguagem da
Universidade Estadual de Campinas como
requisito parcial para a obtenção do título de
Licenciado em Letras – Português.

Orientadora: Profa. Dra. Viviane Veras

Campinas
2013

AGRADECIMENTOS

Ao Instituto de Estudos da Linguagem e à Profa. Dra. Viviane Veras, por sua paciência e dedicação.

À minha família, Gabriela, Luíz Henrique, Paulo Vítor, Marcelo, Keli, José Carlos, João, Gleuza e Maria, por todas as caronas, todas as lições de matemática, todas as histórias sobre dedicação e persistência. Meus pais, Kátia e Marcos, por suas histórias lidas na hora de dormir que despertaram em mim o interesse pelas Letras, e por terem me ensinado o valor da palavra "estudo".

Ao meu companheiro na alegria e na tristeza, Paulo, e aos amigos Diogo, Juliana, Éderson, Rogério e Thaís.

A todas as pessoas que participaram deste trabalho, direta ou indiretamente, meu agradecimento.

RESUMO

Recorrendo a alguns estudos sobre tradução e interpretação, além de uma reflexão sobre a relação desses estudos com a censura, este trabalho analisa alguns trechos de seriados norte-americanos contemporâneos, com a finalidade de mostrar a presença da censura em traduções, as formas como o tradutor pode ter seu trabalho censurado ou praticar a autocensura e alguns artifícios de que pode se valer para modificar o texto sem modificar o contexto ‘censurável’. Reflete-se, ainda, sobre o modo como a autocensura leva o tradutor a fazer desde alterações lexicais a mudanças de frases inteiras em prol de uma tradução mais adequada à exigência da língua para qual a obra é traduzida de acordo com o que se considera hoje politicamente correto.

Palavras-chave: tradução, censura, seriados.

ABSTRACT

This work aimed at evaluating the presence of censorship in contemporary North American television series, demonstrating the ways through which the translator may either practice self-censorship or have his/her work censored. Devices that are commonly used to modify the text without changing the 'reprehensible' context were also evaluated in this study. A literature review was done on translation and interpretation of a sample of North American television series. The relation of these translations with censorship was then thoroughly discussed in this work. Moreover, it was discussed how self-censorship induces the translator to either making lexical changes or changing whole sentences in an effort to generate a more politically correct translation of the required language to which the work is translated.

Keywords: translation, censorship, tv series.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1. SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE LEITOR-CENSURA-TRADUÇÃO.....	10
1.1. Intenção do autor, intenção do leitor e intenção do tradutor	12
1.2. O que é censura?	13
2. SÉRIES TRADUZIDAS E CENSURAS: ALGUMAS ANÁLISES.....	17
2.1 Censura e palavras de baixo calão – os “palavrões”	18
2.2 Censura e sexualidade	20
2.3 Censura e preconceitos.....	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
REFERÊNCIAS	27

INTRODUÇÃO

Não mais anônimo e tendo seu papel progressivamente reconhecido no mundo das letras, o tradutor é cada vez mais o tradutor-leitor; e um leitor que não é neutro ao traduzir um texto, mas que já o interpretou e trabalha com suas impressões acerca do interpretado em sua tradução (VENUTI, 1995). Fala-se, hoje, não mais de uma tradução, mas de traduções plurais, como vemos nos estudos de Bassnett (2002). Considerando, portanto, o tradutor como um leitor, o indivíduo responsável pela tradução lê, isto é, “decodifica” os signos da mensagem e interpreta, o texto lido simultaneamente à leitura.

Ainda que o leitor-tradutor tome o cuidado para que sua leitura e interpretação seja a mais ampla, mais flexível e mais pontual, no intuito de buscar os sentidos precisos (no sentido de precisão – pertinência – e no sentido de precisos – necessários) transmitidos pelo autor, toda tradução é, a priori, uma interpretação pessoal de um indivíduo. Em meio a diferentes idiomas, é rara ou, ainda, impossível a existência de uma palavra capaz de traduzir outra com perfeita exatidão; o leitor-tradutor, lê-interpreta a mensagem e escolhe, dentro de um limitado leque de possibilidades, a melhor forma de traduzir o interpretado para sua língua.

A proposta desta pesquisa é relacionar tradução, tradutor e censura. A fim de relacionar o tradutor-leitor, indivíduo com suas próprias complexidades com a temática da censura e, sobretudo, a autocensura, foram pesquisadas em jornais e revistas online matérias que discutem a questão da censura de modo geral e, principalmente, da autocensura, embora uma esteja inserida na outra, como afirma Coracini (2008). O fato é que a autocensura não é consciente e, ainda que o seja, sua complexidade é tal que existem muitos fatores que precisam ser levados em conta.

Autores como Venuti (1995, 2000, 2008) e Bassnett (2002) também explicam a importância da tradução em torno do sujeito tradutor e do fato de que toda tradução envolve manipulação e, independentemente de sua intenção, ela inevitavelmente refletirá uma determinada ideologia que será apresentada a uma determinada sociedade (BASSNETT e LEFEVERE no prefácio à obra de VENUTI, 1995). A partir do momento em que tomamos a manipulação como um fator inerente a qualquer prática tradutória, a censura é trazida como uma regra do patrocinador

(LEFEVERE, 1992), e a autocensura (CORACINI, 2008) como uma manipulação ao mesmo tempo consciente e inconsciente.

Acredita-se que a ideologia representada em um texto traduzido pode ser atribuída não somente à intenção do tradutor, como também à intenção do leitor (VENUTI, 2008), isto é, o público-alvo – seu background e o momento que a sociedade de que faz parte está vivendo – também determina o impacto que a obra causará. Nesse contexto, veremos ainda a censura como um conjunto de regras pré-determinadas por parte do cliente (editora, produtora de filmes ou rede televisiva).

Quando se fala sobre censura, logo se tem uma associação a regimes absolutistas, ditatoriais, censores que revisam textos e obras em busca de palavras proibidas e, conseqüentemente, eliminadas. Esse é um dos aspectos do significado dessa palavra que vamos observar neste trabalho. Sobre a tradução e a autocensura, Coracini (2008, p. 12) afirma que

embora censuras com base na moralidade e nos bons costumes, ainda existam no Brasil, nos dias de hoje, a mais evidente manifesta-se em torno do racismo, de preconceitos contra a mulher, contra o homossexual (o chamado preconceito de gênero), contra a liberdade de religião, dentre outros – enfim, em torno do que se tem denominado, por vezes de modo insensato e apressado, “politicamente correto”.

O foco deste trabalho, no entanto, será dado à censura que vigora no nosso dia a dia, uma censura não-dita, quase não-nomeada, mas presente no cotidiano de todos aqueles que convivem com a língua em sociedade e, principalmente, no cotidiano dos tradutores. Qualquer espectador que conheça um pouco de inglês, para citar o exemplo da língua com a qual trabalharemos, percebe que há um controle bem rigoroso com relação a termos considerados ofensivos, palavras de baixo calão (palavrões em geral) e termos tabus – o que pode ser interpretado de modo positivo por alguns e tomado como ‘carentice’ por outros.

Além desta introdução, este trabalho traz um capítulo (capítulo 1) que apresenta os fundamentos teóricos e oferece algumas reflexões sobre a relação entre o leitor, a censura e a tradução. No capítulo 2, apresentamos e analisamos nosso corpus, trazendo exemplos do que aqui chamamos de ‘censura’, mas que aparece também como ‘controle’ e/ou ‘revisão’ que vão além da necessidade de consisão – ditada pelo número de caracteres permitidos pelas normas de legendagem –, observando que não se trata,

como afirma Carolina Alfaro de Carvalho (2011), de um problema específico do Brasil¹, havendo também controle em outros países, de acordo com as reações dos espectadores. Encerra-se este trabalho com algumas considerações sobre o tema e sobre a análise realizada.

¹ A autora indica o site da BBC: *The Killing swearing is toned down in subtitles*. A reportagem comenta as reações dos espectadores ingleses às legendas da série dinamarquesa *Forbrydelsen*, em inglês *The Killing*. Disponível em <http://www.bbc.co.uk/news/entertainment-arts-15781133> Acesso em 25/05/2013.

1. SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE LEITOR-CENSURA-TRADUÇÃO

Para trabalhar as relações entre o leitor – que faz o trabalho de tradução – e a censura (da editora, do revisor, do autor, do próprio tradutor), partimos de alguns trabalhos que, de uma forma ou de outra, dão destaque aos limites impostos ao tradutor pela própria diferença entre as línguas – que dizem respeito a questões linguísticas mais pontuais, estruturas gramaticais, sintaxe, campos semânticos e regras pragmáticas mais visíveis nas expressões idiomáticas, provérbios e jogos de palavras – e por outras limitações também ligadas às línguas, mas sob outras formas de controle.

As possibilidades interpretativas relacionadas aos Estudos da Tradução foram discutidas em diversos momentos por autores como Umberto Eco (1993, 2004, 2007), para quem o tradutor é aquele que diz “quase a mesma coisa” que diz o original, e nesse “quase” o autor inclui seu próprio trabalho de ‘controlador’. Na Introdução a *Quase a mesma coisa: experiências de tradução* (2007, p. 14), falando de sua experiência de revisor de traduções, afirma que:

Não só controlei as traduções [...], mas também mantive com os tradutores longas conversações preliminares e no transcurso do trabalho, a tal ponto que descobri que se o tradutor ou tradutora é inteligente, pode explicar os problemas que surgem em sua língua mesmo para um autor que não a conhece e mesmo nesses casos o autor pode colaborar sugerindo soluções ou até sugerindo quais licenças podem ser usadas com seu texto para controlar o obstáculo [...],

É possível observar que, para Eco, o controle é sempre positivo, e pode levar esses profissionais – se inteligentes – a explicar suas intenções ao traduzir, buscando estar em harmonia com o autor. A relação entre a obra, o autor e o leitor, merecem uma atenção especial, porque ajudam a entender o que o autor chama, em seu livro dedicado especificamente à tradução, o que ele chama de *negociação*.

Além disso, para tratar das possibilidades semânticas e dos recursos linguísticos a serem usados pelo tradutor no momento da tradução, recorreremos a Venuti (2008) e Bassnett (2002), que também falam sobre o poder de interpretação que cabe ao público-alvo. Lawrence Venuti é um estudioso da tradução mais conhecido por seu trabalho sobre a invisibilidade do tradutor. Pensamos nessa

invisibilidade como uma verdadeira censura da presença desse profissional, muitas vezes sequer nomeado para que o leitor do texto traduzido pense estar lendo diretamente o texto original. Segundo Venuti (1995, p. 5), a obediência à regra da tradução fluente leva o tradutor a “tornar sua obra ‘invisível’, produzindo o efeito ilusório de transparência que, ao mesmo tempo, mascara seu status como uma ilusão”, o que pode leva-lo a desconhecer seu papel social, seu trabalho de autoria.

Em *Translation, Community, Utopia*, publicado em 2000, Venuti retoma a questão da tradução domesticadora (que adapta o original ao público da língua de chegada) *versus* estrangeirizadora (que procura expor o leitor da língua de chegada à cultura da língua de partida) para falar sobre a necessidade de uma espécie de “nem tanto ao mar nem tanto à terra”, apelando para um controle exercido pelo tradutor sobre seu próprio trabalho – uma autocensura, nesse caso, benéfica.

Finalmente, importa ressaltar uma situação narrada por Venuti (2008) relativa à tradução para o espanhol do livro *Predatory Globalization: A Critique*, escrita por Richard Falk e publicada em 1999. Os tradutores espanhóis Herminia Bevia e Antonio Resines, segundo exemplo apresentado por Venuti, reagem à imposição editorial de traduzir a obra valendo-se do próprio dicionário. Para justificar a invasão ao Iraque, o governo Bush classifica o país na lista do que chamou de *rogue states* – ao pé da letra, estados perigosos e desonestos. A tradução de *rogue* pelo espanhol *díscolo* – que significa *desobediente*, é considerada por Venuti (p. 29) uma intervenção política e, segundo entendemos, uma forma de escapar à censura editorial – como funcionários da editora eles não podiam recusar-se a traduzir a obra. Complementa essa questão o trabalho de André Lefevere (1992) sobre a patronagem para explicitar os bastidores do trabalho dos tradutores: quem trabalha para editoras e empresas de legendagem sabe que a patronagem (de patrocinador e de patrão) é tomada como um poder que se exerce mais sobre questões ideológicas e políticas do que propriamente literárias, operando no controle de fatores econômicos e, no caso aqui estudado, importam as opiniões dos consumidores das séries,

O trabalho de Susan Bassnett (2002) interessa a estas reflexões pelo destaque dado ao tradutor como mediador intercultural e a seu papel fundamental na construção de nossa história literária por meio da literatura comparada. Para a autora, a tradução está longe de ser uma atividade secundária ou mecânica, sendo antes um processo criativo (p. 12). Entendemos que a censura age especialmente

sobre o que é reconhecido como ‘criação’, justamente porque escapa ao controle dos manuais.

1.1. Intenção do autor, intenção do leitor e intenção do tradutor

Ainda considerando a interpretação do leitor, devemos reforçar que o tradutor é também um leitor, de modo que sua tradução é feita com base em sua interpretação do original, e este é mais um fator que corrobora que toda tradução é uma manipulação do texto original.

Assim, podemos afirmar que a interpretação se deve a fatores intralinguísticos, como a escolha lexical, e que englobam desde o período histórico, fatores sociais e momento político até a bagagem cultural individual de cada receptor, que deve ser consideradas fundamental para que se possa interpretar e reinterpretar um mesmo enunciado. Todos esses fatores apresentam numerosas possibilidades interpretativas, sujeitas às três intenções discriminadas como: *intentio auctoris* (intenção do autor), *intentio operis* (intenção da obra) e *intentio lectoris* (intenção do leitor) (ECO, 2004).

Por outro lado, em *Interpretação e superinterpretação* Eco (1993, p. 29) afirma que a intenção do autor é “muito difícil de descobrir e frequentemente irrelevante para a interpretação de um texto”. O fato é que, a tentativa de descobrir uma única e exclusiva intenção do autor durante o momento da criação da obra também exclui a possibilidade da pluralidade de interpretações motivadas pelo próprio autor, isto é, atribui-se a ele apenas uma intenção. É válido, no entanto, reforçarmos a ideia de que a leitura da obra no idioma original também gera interpretações diferentes daquelas resultantes da leitura da obra traduzida.

Além disso, convém lembrar que em *Quase a mesma coisa*, Eco (2004, p. 15), põe em jogo suas intenções de autor, exerce um controle, mesmo quando admite que se sentia “continuamente dividido entre a necessidade de que a versão [tradução] fosse “fiel” ao que escrevera e a descoberta excitante de como o meu texto poderia (aliás, às vezes deveria) transformar-se”, e, logo adiante, acrescenta que percebia que seu texto, no contato com novas línguas “exibia potencialidades interpretativas que passaram despercebidas por mim mesmo, e como, às vezes, a

tradução podia melhorá-lo” em relação à *intentio auctoris*. de certa forma, acredita nessa intenção do autor, ao menos quando o autor é ele mesmo.

O público-alvo, por sua vez, logo a princípio parece desempenhar um papel fundamental nas interpretações possibilitadas por uma tradução; é ele quem determina o impacto que tal tradução causará, considerando-se sua habilidade para compreender a expressão de ideais políticos e culturais representados pelo tradutor – nos casos em que tais questões estão manifestas, como destacado por Venuti (2008) em relação às decisões dos tradutores espanhóis. É nesse contexto, também, que a tradução será inclinada a seguir determinadas regras, que chamaremos de censura.

1.2. O que é censura?

A censura que será aqui estudada não está relacionada somente à “censura” dita de classificação etária, controle ou definição de programação. A censura aqui trabalhada é a Censura que limita as liberdades de expressões individuais, seja de forma explícita, com uma proibição formal, ou de forma implícita, intrínseca na sociedade como parte de um conjunto de regras comportamentais e morais (no sentido de costumes) e, principalmente, no próprio indivíduo, na forma de *autocensura* – que pode tanto ser ditada pelas regras sociais como por suas próprias regras.

De acordo com o dicionário Aurélio (1993) de língua portuguesa, censura é:

Censura - substantivo feminino

- 1.Exame crítico de obras literárias ou artísticas; crítica.
- 2.Corporação incumbida do exame de obras submetidas à censura.
- 3.V. *repreensão*.

Dessa forma, a censura é uma repreensão, um exame crítico capaz de modificar a forma como são vistas – lidas – obras literárias ou artísticas. Se analisarmos a história, no entanto, poderemos observar que povos foram censurados não apenas em sua arte, mas em sua cultura, de modo geral; na forma de falar, no modo de se portar, de se vestir etc.. Ainda no Brasil colônia, os índios eram censurados e obrigados a vestirem-se como os “brancos”; as religiões africanas, como o Candomblé, e, antes mesmo, na Europa, as religiões pagãs, eram censuradas e seus fiéis fortemente castigados. Mais atualmente na

história, no século XVII, línguas indígenas e crioulas foram censuradas, proibidas e banidas pelo governo brasileiro e, ainda recentemente, governos e escolas censuram a linguagem popular típica da periferia ou da zona rural (a linguagem informal, as gírias ou o que muitos chamam de “falar errado”).

O Dicionário Escolar da Língua Portuguesa (1898-1986) apresenta uma definição mais ampla para a palavra:

Censura - *substantivo feminino*

Repreensão: cargo ou dignidade de censor; exame crítico de obras literárias ou artísticas; condenação eclesiástica de certas obras, corporação encarregada do exame de obras submetidas à censura; (Psicanálise) mecanismo inibitório inconsciente que impede a manifestação de propósitos inconvenientes que prejudiquem os propósitos conscientes do indivíduo.

Ambos os dicionários citam o exame crítico a obras literárias ou artísticas, mas é interessante observar que a fonte acima, datada de 1898, exprime o conceito, não-nomeado, de *autocensura*, ao descrevê-lo como “mecanismo inibitório inconsciente que impede a manifestação de propósitos inconvenientes que prejudiquem os propósitos conscientes do indivíduo.”

A partir dessas definições, é possível listar três tipos de censura na história da tradução: a censura política, a censura imposta a partir de uma corporação (caso da patronagem) e a autocensura. A primeira é comum em regimes políticos que vetam certas palavras ou expressões, como durante a própria ditadura militar brasileira, quando, nas décadas de 1960, 1970 e 1980, funcionários públicos denominados *censores* eram encarregados de ler obras literárias e artísticas à procura de determinadas palavras disponíveis em uma lista e, ainda que não analisassem ou entendessem seu contexto, se a obra possuísse uma ou mais das palavras proibidas, deveria ser usado o recurso da censura².

A censura a textos traduzidos pode ser feita, ainda, por uma corporação, outra figura de autoridade que não o governo: o cliente. Aqui é importante lembrar que o tradutor, como será posteriormente frisado, é, na maioria das vezes, um prestador de

² Os dados sobre a censura política foram obtidos a partir do depoimento ex-censor Carlos Lucio Mendes dado em entrevista realizada em 02/11/1998 disponível no site *Sanatório Geral*: <http://www.chicobuarque.com.br/sanatorio/censor.htm>, acesso em 12/12/2011.

serviços e deve, portanto, seguir as regras de quem o emprega (patrão ou patrocinador, como observa Lefevere, 1992). Quando uma rede televisiva, por exemplo, tem restrição a *merchandising* na tradução, a um produto que exhibe sua marca registrada no filme ou na série, o tradutor é obrigado a ignorar a menção ou a traduzi-la de outra forma. No caso das legendas, é preciso restringir o uso de palavrões e, assim, o tradutor deve traduzi-los, quando presentes, por palavras mais adequadas – a mesmo que muitas vezes fora de uso – à exigência do cliente.

A autocensura vai além das regras explícitas, ela é produzida por valores já enraizados na sociedade e no inconsciente do indivíduo. Um tradutor que se vê por muito tempo proibido, por alguma figura de autoridade, de traduzir certas palavras, pode sentir-se inibido e não conseguir lidar com temas que para ele são tabus. Em *A Constituição Identitária do Tradutor: a questão da (auto-)censura*, Coracini (2008) relata que um dos entrevistados citado em seu trabalho se recorda de que, tendo vivido nos tempos do “Estado Novo”, quando religião, pudor e nacionalismo eram qualidades internalizadas e deveriam ser respeitadas, um colega tradutor afirmara sentir-se constrangido todas as vezes que se via a traduzir textos literários, sobretudo quando havia descrições físicas de jovens ou de personagens “abertamente anticlericais, contrárias aos bons costumes da época”. Segundo o entrevistado, a preocupação do tradutor e do editor era a de que o leitor não se sentisse confortável ao ler o texto e que, conseqüentemente, suas publicações não fossem vendidas: “Quando não havia uma censura internalizada / o editor fazia o papel de censor/ porque tinha receio que suas publicações / literárias no caso / não vendessem Bem” (CORACINI, 2008, p. 12).

Diferentemente dos anos de ditadura militar, a mais evidente forma de censura manifesta-se em torno do racismo, de preconceitos de gênero (contra os homossexuais), contra a mulher, contra a liberdade de religião, e, de modo geral, em torno do que se tem denominado por muitos de “politicamente correto”. É essa a censura que, naturalizada, torna-se autocensura, porque é o próprio tradutor que censura a si mesmo, de forma inconsciente.

A título de exemplo, Coracini (2008) cita o Manual da Redação da Folha de São Paulo (2001). Nele, são observados itens do capítulo “Padronização e Estilo” que, além de recomendações sobre as palavras que devem ser substituídas, como: “em vez de *colisão* use *batida*; de *contundido*, use *machucado*; de *óbito*, use *morte*; em vez de *miserável*, use *pobre*” (2001: 56), sob o pretexto de não dificultar a leitura. Outro problema em relação às recomendações do Manual diz respeito ao uso de palavras de

baixo calão (palavrões): “recomenda-se que, em casos corriqueiros, não se repita o palavrão, mas apenas se informe que *Os torcedores xingaram o juiz*, por exemplo.” (CORACINI, 2008: 13).

Assim como na Redação da Folha de São Paulo, cujo Manual expressa as regras, o aceitável e o inaceitável dentro da empresa, cada corporação, cada emissora responsável pela distribuição dos seriados no Brasil, tem também seu próprio manual, devendo o tradutor seguir tais regras. O tradutor se vê, então, em uma posição problemática: na língua a ser traduzida (a língua estrangeira), as palavras são permitidas, enquanto na língua para qual o texto será traduzido (a língua materna), a tradução dessas palavras é inibida.

Para mostrar alguns tipos de censura presentes na sociedade atual, analisamos a seguir trechos de séries de televisão. É importante ressaltar que, como não houve uma prévia entrevista com os tradutores/legendadores, não é possível afirmar se as escolhas de palavras agregadas às legendas e traduções se deram por uma autocensura do tradutor ou a pedidos do(s) cliente(s).

2. SÉRIES TRADUZIDAS E CENSURAS: ALGUMAS ANÁLISES

Neste momento, observamos os diferentes tipos de censura encontrados nas legendas das séries e filme em questão e os prováveis motivos. Algumas considerações iniciais, no entanto, se fazem necessárias:

No mundo digital, onde a pirataria, a tradução voluntária e a tradução colaborativa vêm crescendo rapidamente, são comuns versões “alternativas” às originais encontrada em sites³ diversos. Filmes, séries e suas respectivas legendas podem ser facilmente encontrados para *download* gratuito, mesmo considerado ilegal⁴ e assim reconhecidos na internet⁵. As legendas e traduções obtidas nesse meio não são as oficiais distribuídas pelas produtoras, mas elaboradas ora por pessoas bilíngues, por tradutores bem qualificados, ora por pessoas sem um bom domínio das línguas (mesmo no caso do português, como se pode verificar em erros grosseiros em algumas legendas). São legendas elaboradas por tradutores competentes ou não: tradutores que podem fazer uma tradução melhor que a oficial (uma das justificativas para o aumento dos *downloads*) ou tradutores que apenas traduzem um roteiro, sem “ouvir” o que é dito na tela, ou sem buscar um segundo sentido para uma frase (utilizando apenas o sentido literal).

As versões utilizadas para a análise são todas oficiais, isto é, produzidas, revisadas e sincronizadas pelos responsáveis pela distribuição dos filmes e séries originais no Brasil, sendo eles as redes *Universal Channel* (séries *Law and Order – Special Victims Unit*, *House M.D.* e *Psych*), *AXN* (*Law and Order – Criminal Intent*), *FX* (*My Name is Earl*) e suas respectivas equipes de tradução e legenda. É interessante observar que, nesses casos, os tradutores trabalham para clientes, os quais, conforme dito anteriormente, são as redes televisivas. É importante também observar que as legendas são escritas, e que podem estar também sujeitas a regras específicas que não se aplicam aos gêneros orais.

O corpus utilizado para este trabalho está listado a seguir:

³ Podem-se encontrar legendas traduzidas do inglês para o português voluntariamente por fãs de séries nos sites: www.legendas.tv e www.opensubtitles.org, por exemplo.

⁴ É proibido, no Brasil, o *download* e a retenção de toda e qualquer produção cujos direitos autorais estejam reservados, de acordo com as leis números 9.609/98 e 10.695/03. Disponíveis em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9609.htm e www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.695.htm, respectivamente. Acesso em 25/05/2013.

⁵ É o caso de sites como, por exemplo, www.thepiratebay.se e www.isohunt.com.

- *Law and Order – Special Victims Unit*: seriado do gênero drama policial produzido e dirigido por WOLF, Dick. Nova Iorque, EUA. Transmitido originalmente pela rede televisiva *NBC* e, no Brasil, pela rede *Universal Channel* (título no Brasil: “*Law and Order – Special Victims Unit*”). 1999-2012.
- *House M.D.* – seriado do gênero drama médico produzido por SHORE, David. EUA. Transmitido originalmente pela rede televisiva *FOX* e, no Brasil, pelas redes *Universal Channel* e *Rede Record* (título no Brasil: “*Doutor House*”). 2004 – 2012.
- *Psych* – seriado do gênero comédia policial produzido por FRANKS, Steve. EUA. Transmitido originalmente pela rede *USA Network* e, no Brasil, pelas redes *Universal Channel* e *Rede Record* (título no Brasil: “*Psych*”). 2006 – 2013.
- *My Name is Earl* – seriado do gênero comédia criado por GARCIA, Greg. EUA. Transmitido originalmente pela rede televisiva *NBC* e, no Brasil, pela rede *FX* (título no Brasil: “*My Name is Earl*”). 2005 – 2009.
- *Law and Order – Criminal Intent* – seriado do gênero drama policial produzido e dirigido por WOLF, Dick. Nova Iorque, EUA. Transmitido originalmente pela rede televisiva *NBC* e, no Brasil, pelas redes *AXN* e *Rede Família* (título no Brasil: “*Lei e Ordem – Crimes Premeditados*”). 2001-2011.

2.1. Censura e palavras de baixo calão – os “palavrões”

A forma mais comum de censura exerce-se sobre os chamados palavrões. Nas séries originais em língua inglesa, essas palavras ofensivas e muito evitadas no português, são aceitas. Na tradução, porém, encontramos sinônimos mais aceitáveis ou, ainda, a omissão.

Sinônimos

É muito comum, em legendas oficiais de filmes e séries estrangeiras, a substituição do termo original por um sinônimo menos ofensivo ou impactante ao espectador – leitor.

No seriado norte-americano *My name is Earl*, os sinônimos “shit” e “crap”, no idioma inglês, são constantemente traduzidos em português como “droga” ou “porcaria”. De fato, ambas as palavras originais correspondem às escolhidas pelos tradutores. No entanto, o impacto na língua estrangeira é maior devido ao fato de os termos originalmente usados serem considerados mais ofensivos e informais. Nesse mesmo seriado, o termo “son of a bitch” (em que a tradução literal e “bitch” seria “cadela”) é traduzido como “filho da mãe” ou, ainda, omitido, conforme veremos ainda neste trabalho.

Na mesma linha, no seriado também norte-americano *House M.D.* (primeira temporada, episódio 01 – *Everybody Lies*), a médica Dra. Cuddy, ao fazer uma severa crítica ao seu colega, Dr. House, completa: “that son of a bitch is the best doctor we have”, legendado pela rede Universal Channel como: “aquele desgraçado é nosso melhor médico”. No mesmo episódio, também a respeito do colega, o Dr. Wilson afirma: “you really don’t give a crap, do you?”, traduzido por: “você não está mesmo nem aí”. Aqui, além da omissão da pergunta “do you”, em tradução livre, “não é?” que facilita a agilidade da leitura da legenda (conforme ainda veremos), o termo “give a crap” foi interpretado como “dar a mínima”. O primeiro motivo para tal tradução pode ser para, de fato, amenizar o impacto do uso de um “palavrão”, mas, também, por não haver uma tradução exata no português idiomático para a expressão (embora tenhamos a expressão brasileira, registrada no Dicionário Houaiss (2002) como uma locução: **c. e andar (para)** fig. B tab. não dar a mínima importância (para) *⟨caga e anda para as convenções sociais⟩*)

A omissão

Na terceira temporada da série *House M.D.*, no episódio 1 - *Meaning*, o irreverente protagonista, Dr. Gregory House, vê-se impedido por Wilson de realizar um procedimento arriscado e sem prévia autorização em um paciente. Irritado, House confronta o amigo: “I don’t remember of you being such a bitchy”. A legenda da Universal Channel é: “Você não era chato assim.”. Notamos, portanto, duas diferenças entre a fala original e a tradução: a ausência do “I don’t remember” (em tradução livre, “eu não me lembro”) e a tradução da palavra “bitchy”. A primeira diferença pode ser explicada pela necessidade de agilidade na leitura, pois a legenda deve acompanhar a velocidade das falas dos personagens e garantir ao espectador-leitor uma leitura rápida e

descomplicada. A segunda, “bitchy”, pode ser traduzida literalmente como “cadelinha”, ou seja, tanto em inglês como em português, um adjetivo bastante ofensivo. O tradutor, no entanto, é chamado a atuar como censor, de forma a amenizar o efeito impactante e o desconforto que a palavra poderia causar no espectador, e traduziu a palavra apenas como “chato”.

No episódio “Quit smoking” (1ª temporada, episódio 2) de *My Name is Earl*, quando o atrapalhado protagonista confessa à mãe de seu colega Donny que o havia deixado ser preso em seu lugar, a mãe, indignada, protesta: “You son of a bitch you put my baby in prison for two years!” A tradução oficial segue “Você deixou meu bebê preso por dois anos”. Mais uma vez, a palavra “bitch” foi censurada. Porém, desta vez, é importante observar que não houve a tradicional substituição por um sinônimo menos ofensivo, mas, sim, a omissão da palavra.

É possível afirmar que algumas palavras, sobretudo as consideradas ofensivas, não aparecem na legenda por uma questão de espaço e agilidade, visto que legendas de diversos estúdios e autores muito frequentemente têm omissões ou simplificações de termos para valorizar o espaço e o tempo de leitura, tendo também uma questão de relevância (no diálogo em questão, no episódio de *My Name is Earl*, o xingamento é o menos relevante em relação ao restante da frase, dado o contexto). No entanto, visto o padrão de omitir ou suavizar as palavras agressivas, os “palavrões”, podemos afirmar que a omissão, muitas vezes, se dá não só para facilitar a leitura, mas também para não chocar o espectador-leitor, como uma forma de censura.

2.2. Censura e sexualidade

Também bastante evitado nas traduções e legendas pesquisadas estão os temas que abordam questões referente à sexualidade, a relações sexuais e atributos físicos de personagens, como podemos ver nos exemplos a seguir:

Em *House M.D.*, no episódio *Cane and Able* (02 da terceira temporada da série), temos o seguinte diálogo entre o protagonista Dr. House e seu colega Dr. Chase acerca de um paciente:

Chase: “Well, I’m just not arrogant enough to think that of the 50 billion galaxies, 100 billion stars per galaxy and 10 million billion planets in the universe that we are the only ones with life”

Dr. House: “no...but I'm guessing we are the only ones who like shoving things through our back doors”⁶.

Aqui, “back doors” significa “porta de trás”, “traseira” ou, ainda, “porta de saída” (tradução livre) e foi substituído por um termo mais formal na legenda oficial: “não... mas acho que somos os únicos que enfiamos coisas no ânus”. Tal tradução, além de garantir a clareza quanto ao entendimento da fala do médico, deu a ele um ar mais profissional, mais sério, embora ainda dentro de uma piada, censurando a forma insolente e sarcástica de o protagonista falar com sua equipe.

Na mesma linha, a legista de *Law and Order – Criminal Intent*, no terceiro episódio (*Prisoner*) da quinta temporada, ao examinar uma vítima de homicídio, declara aos policiais: “Any funny business”. “Funny business” poderia ser traduzido como “negócios engraçados” ou, ainda, “gracinhas”. Na legenda oficial do episódio, porém, a fala é traduzida como “sem violência sexual”, de modo que o toque de “humor” e ironia do original (dita por um personagem para quem a violência sexual já é algo banalizado) foi perdido. Tal perda pode ser justificada pelo desejo do autor de amenizar o impacto que um comentário sarcástico sobre um assunto polêmico como o estupro pode causar ao espectador, como também pode ser devida à dificuldade de traduzir e fazer entender de forma clara uma tradução de “funny business” por abusos sexuais.

2.3 Censura e preconceitos

Cada vez mais observado está o conceito de “politicamente correto”. Tal conceito traz, na maioria das vezes, a censura na escolha de termos que podem expressar preconceitos, sejam eles raciais, de gênero, contra a mulher, contra deficientes, entre outros, de forma a evitar o desconforto no receptor e, sobretudo, interpretações indesejadas.

Nas legendas analisadas a seguir, os tradutores oferecem legendas politicamente corretas em relação às falas originais dos personagens, muitas vezes de modo a mascarar um preconceito característico do indivíduo (fictício) em questão. Também é notável que, assim como nos casos dos palavrões, certas palavras possam ser usadas

⁶ Nesse episódio, o paciente de sete anos de idade, Clancy, foi internado na unidade de House após ser encontrado por seus pais desacordado no quintal de sua casa com lesões no reto. Clancy, após acordar, afirma que foi abduzido por extraterrestres durante a noite e que, em uma nave espacial, sofreu experimentos físicos em seu corpo. O diálogo em questão é entre o cético Dr. House e seu colega Dr. Chase, que crê na possibilidade de existência de alienígenas.

com tranquilidade nos diálogos originais (ou seja, na língua estrangeira), sem carregar um problema a ser censurado e, no entanto, quando traduzidas para o português, são substituídas por um sinônimo, a fim de garantir uma tradução conveniente ao público-alvo.

No episódio *White Lie Christmas* (10, primeira temporada) da série *My Name is Earl*, após casar-se com um afrodescendente e manter sua união longe do conhecimento dos pais racistas, a personagem Joy vê sua farsa descoberta quando seu marido aparece de surpresa em um jantar em família. Fingindo espanto, Joy exclama: “Oh my God! It’s a negro!”, e “negro” é tida como a palavra que, anos atrás, era considerada mais polida, sem a necessidade de usar os termos “black” (“preto”, atualmente considerada a forma mais adequada para tratar um afrodescendente nos Estados Unidos da América) ou “niger” (“crioulo”, considerado extremamente ofensivo), podendo ser facilmente traduzida como “de cor”, por ser um termo hoje considerado pejorativo pelos líderes dos movimentos negros⁷. A tradução oficial, porém, traduziu apenas como “Ai meu Deus! Um negro!”, mascarando a maneira politicamente incorreta de a personagem tratar seu marido negro e evitando o possível desconforto e também estranheza que algo como “um homem de cor!” poderia vir a causar ao público-alvo brasileiro.

De volta ao episódio *Meaning* da série *House M.D.*, a fim de apressar sua equipe para providenciar a realização de um exame, House diz: “We have got a whole other quad to cover”. Como o espectador sabe que o paciente em questão é um cadeirante, pressupõe-se que “quad”, gíria para abreviação de “quadriciclo”, faz referência à cadeira de rodas do personagem. O tradutor, por outro lado, mais uma vez evita o preconceito e faz do irreverente House um personagem mais profissional e menos jocoso, com a legenda “temos outro paraplégico”. É importante observar também que, apesar de a censura atuar nesse caso para mascarar um preconceito, a tradução de “quad” é bastante problemática, pois traz ao tradutor a tarefa de encontrar um equivalente em português que possibilitaria uma interpretação clara pelo espectador-leitor – vale notar que se usa hoje o termo “cadeirante”, considerado politicamente correto.

⁷ “‘Negro’ superseded ‘colored’ as the most polite terminology, at a time when ‘black’ was more offensive. This usage was accepted as normal, even by people classified as Negroes, until the later Civil Rights Movement in the late 1960s.” Fonte: Wikipedia (<http://en.wikipedia.org/wiki/Negro>, acesso 15/11/2012)

No episódio *Informed Consent* (03, terceira temporada), da mesma série, um médico, ao realizar um experimento envolvendo um rato de laboratório, registra: "Subject anesthetized", que é seguido pela legenda "animal anestesiado". Aqui, o termo "objeto/sujeito" (de pesquisa, dado que o cientista testava células cancerígenas em cobaias), frio e exato, foi substituído por "animal", mais neutro e comum ao espectador-leitor. Dessa forma, a frieza original com a qual se trata o animal em questão, minimizando-o a um "objeto" de pesquisa, é mascarada. A razão para assim se traduzir pode ser a luta pela causa animal que, sobretudo no Brasil, é algo de grande apelo popular e que tende a crescer e a ganhar adeptos desde o início dos anos 1980⁸, ganhando força e dimensões internacionais com o crescimento da internet e das redes sociais. Para a cultura norte-americana, talvez o impacto de transformar um animal em "subject" não seja tão forte quanto para o público brasileiro, ou, ainda, tal impacto seja dado de propósito: o intuito da cena e da escolha de palavras poderia ser incomodar o espectador. Esse incômodo, porém, foi minimizado na tradução.

Também na mesma linha, temos a série *Psych*, em sua primeira temporada (episódio 15 – *Scary Sherry: Bianca's Toast*), quando o personagem Guster, melhor amigo do protagonista Shawn Spencer, afirma, em uma discussão: "Don't ever compare my black ass to George Dzundza again, ok?", onde "black ass" pode ser traduzido como "traseiro negro" (tradução livre – importante apontar que Guster é afrodescendente). A legenda oficial, pela rede Universal Channel, traz então: "nunca me compare com George Dzundza"⁹, de modo a omitir a questão da etnia da personagem.

Por fim, temos, em *Law and Order – special victims unit* o episódio *Competence* (22, terceira temporada) no qual Katie, uma jovem portadora de síndrome de Down, é vítima de violência sexual. Na história, a moça com então 22 anos fora forçada a manter relações sexuais com seu chefe, sem saber que se tratava de sexo e tampouco dos riscos que o ato sem proteção podia trazer. Katie, então, engravida e decide manter a gravidez. A mãe da jovem, porém, entra na justiça com o pedido de intervenção na decisão da filha, alegando que, devido à síndrome, a garota não seria capaz de tomar uma decisão importante como essa e tampouco ser capaz de criar uma criança.

⁸ Disponível em www.combate.info, acesso 15/11/2012.

⁹ Na discussão em questão, Shawn compara o caso no qual estava trabalhando (uma psicopata assassina cruelmente suas colegas de fraternidade) com o filme "Instinto Selvagem", onde a assassina seria a atriz Sharon Stone, Shawn seria o ator Michael Douglas e Guster, o ator George Dzundza, um alemão branco. É importante observar que Gus tem sua personalidade fortemente marcada pelo orgulho de ser afrodescendente. O diálogo, no original (inglês): Shawn: "This girl is Sharon Stone from 'Basic Instinct'. Which makes me Michael Douglas and you George Dzundza... whose name is actually 'Gus' in the film!" Guster: "Ok. First of all? Don't ever compare my black ass to George Dzundza again, ok?"

Em um dado momento, na delegacia, os policiais Fin e Munch referem-se à associação prestadora de serviços aos portadores de síndrome de Down como “State Office of Mental Retardation” (em tradução literal, “Escritório Estadual de Retardamento Mental”), que aparece na legenda como “associação estadual para deficientes mentais”. É válida a observação de que, no Brasil, é inconcebível referir-se a qualquer portador de síndromes ou deficiências mentais como “retardado”, por tratar-se de um termo altamente pejorativo e politicamente incorreto, que traz consigo uma forte carga de preconceito, e, assim, evita-se também o termo “retardamento”.

Os personagens policiais, por outro lado, lutam ao lado de Katie, sempre a defendê-la, e em momento algum parecem ter preconceito contra a jovem. Ao usarem a palavra “retardation”, Fin e Munch podem, então, mostrar que tal termo não é considerado ofensivo na língua de origem (inglês norte-americano, mais precisamente em Nova Iorque, EUA), mas deve ser, por outro lado, evitado no português, por ser de caráter pejorativo.

Assim como podemos interpretar a respeito do uso de palavrões, portanto, muitos termos que carregam uma conotação pejorativa e preconceituosa no Brasil são aceitos no original (inglês americano), por não serem tidos como ofensivos ou, ainda, por serem ofensivos, porém aceitáveis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tomando como base os aspectos das traduções de legendas apresentadas neste trabalho, assim como as abordagens teóricas dos autores estudados, temos exemplos claros de que a tradução, por inúmeras vezes, envolve a manipulação e a censura, sejam elas conscientes ou não.

É importante ressaltar que, como não houve a possibilidade de uma prévia entrevista com os tradutores, não é possível afirmar se as escolhas de palavras agregadas às legendas e traduções se deram por uma autocensura do tradutor ou a pedido do(s) cliente(s), isto é, das distribuidoras e redes. Sendo assim, a censura aqui estudada é, indubitavelmente, existente, porém, não será possível atribuí-la em sua totalidade à autocensura ou tampouco à censura imposta a partir de cada corporação. Basta termos, como já discutido anteriormente, a ciência de que uma está contida na outra.

A censura com a qual nos deparamos durante as análises é bastante presente, e talvez até mesmo despercebida, no cotidiano de todos os que convivem com a língua em sociedade. Não mais como nos anos de ditadura militar, a censura dá-se hoje, como foi observado, devido ao “politicamente correto”, ao senso comum do que pode ou não pode ser dito; o aceitável e o inaceitável. Manifesta-se, principalmente, em torno do racismo, de preconceitos de gênero (contra os homossexuais), contra a mulher, contra deficiências (físicas e mentais).

Pudemos observar, a partir das análises, que o preconceito característico de algumas personagens foi mascarado a partir de uma tradução politicamente correta; enquanto uma fala aparentemente sem preconceitos na língua original, pode ser mal-interpretada como preconceituosa se traduzida sem nenhum tipo de (auto)censura.

Embora o tradutor não tenha condições para controlar o modo como a tradução será recebida pelo público, nas traduções analisadas neste trabalho, pudemos perceber que existem artifícios para modificar termos, omitir ou substituir palavras e, ainda assim, manter a mensagem original, ainda que nem sempre com todos os seus sentidos (como nos exemplos de palavras ambíguas no inglês e que perdem a ambiguidade quando traduzidas).

Foi importante considerar, além dos aspectos teóricos, que a legenda de filmes e séries deve sempre ser dinâmica e de fácil leitura, podendo, portanto, ser alvo de uma manipulação diferente da censura de fato. Como é possível observar a partir das

análises, algumas palavras ou termos presentes nas falas originais são omitidas nas legendas sem maior motivo aparente que não a simples redução de texto a ser lido e interpretado pelo espectador que, aqui, torna-se também um leitor e como tal necessita ler, pensar e interpretar.

Vimos que, diferente do controle do autor – a que se refere Eco (2004) – e do controle do tradutor – que precisa traduzir uma obra que vai contra seus princípios humanísticos, relatado por Venuti (2008) –, o que vigora no caso das séries e respectivas legendas é a patronagem, de que fala Lefevere (1992). Importa não correr o risco de perder seja o patrocínio, seja a audiência, e importa também considerar o fato de que, segundo Carvalho (2011), é comum ouvir que os filmes brasileiros usam uma linguagem muito vulgar e que os palavrões são excessivos, dos mesmos espectadores que acham naturais os palavrões em inglês¹⁰. Mas esse pode ser o caso de uma censura outra: daquilo que se pode ou não dizer na língua materna e numa língua estrangeira – e que seria matéria para outro trabalho.

¹⁰ Como informa a tradutora Carolina Alfaro de Carvalho no site *A arte da tradução*.

REFERÊNCIAS

- BASSNETT, Susan. Translation Studies. Routledge, ed. Londres, 2002.
- CARVALHO, Carolina Alfaro. Tradução audiovisual e “censura”. Disponível no site *A arte da tradução* www.artedatraducao.blogspot.com.br, acesso em 15/05/2012.
- CORACINI, Maria José. A Constituição Identitária do Tradutor: a questão da (auto-) censura. *Tradução & Comunicação*, N°. 17, 2008. Disponível em <http://sare.unianhanguera.edu.br/index.php/rtcom/article/view/143/142>. Acesso em 30/05/2012
- ECO, Umberto. Introdução. In: *Quase a mesma coisa*. Tradução de Eliana Aguiar e revisão de Raffaella de F. Quental. Rio de Janeiro-São Paulo: Record, 2007, pp. 9-27.
- ECO, Umberto. Interpretação e Superinterpretação. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- ECO, Umberto. Os Limites da Interpretação. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- LEFEVERE, André (1992) The system: patronage. Translation, rewriting and the manipulation of literary frame , 1-11. London/New York: Routledge.
- VENUTI, Lawrence. The translator's invisibility: a history of translation. 1. ed. Londres: Routledge, 1995.
- VENUTI, Lawrence. Translation, Community, Utopia. In: Translation Studies Reader, Ed. Routledge, Nova Iorque, EUA, 2000.
- VENUTI, Lawrence. Translation, Simulacra, Resistance. In: Translation Studies, Ed. Routledge, Nova Iorque, EUA, 2008.

Sites consultados

- BBC News entertainment & arts. <http://www.bbc.co.uk/news/entertainment-arts-15781133> , acesso em 25/05/2013.
- Censura Musical, www.censuramusical.com, acesso em 12/05/2012.
- Combate.Info, www.combate.info/, acesso em 15/11/2012.
- Iso Hunt, www.iso-hunt.com, acesso em 25/05/2013.
- Legendas.TV, www.legendas.tv, acesso em 25/05/2013.
- Open Subtitles, www.opensubtitles.org, acesso em 25/05/2013.

Presidência da República – Casa Civil, Subchefia para assuntos jurídicos, www.planalto.gov.br, acesso em 25/05/2013.

Sanatório Geral, www.chicobuarque.com.br/sanatorio/censor.htm, acesso em 12/12/2011.

The Pirate Bay, www.theparatebay.se, acesso em 25/05/2013.

Wikipedia, www.en.wikipedia.org/wiki/Negro, acesso 15/11/2012.

DVDs

House M.D. (seriado). Direção: Bryan Singer. Distribuição: Universal. 2004, 2006. DVD primeira temporada, 2004. Episódio 1: Everybody Lies (43 min.). DVD terceira temporada, 2006. Episódios: 1 – Meaning (43 min.), 2 – Can and Able (44 min.), 3 – Informed Consent (43 min.).

Law and Order – Special Victims Unit (seriado). Direção: Michel Slovis. Distribuição: Universal. 2007. DVD terceira temporada. Episódio 22: Competence (43 min.).

Law and Order – Criminal Intent (seriado). Direção: Rick Wallace. Distribuição: Universal. 2005. DVD quinta temporada. Episódio 3: Prisoner (44 min.).

My Name is Earl (seriado). Direção: Greg Garcia. Distribuição: FOX. 2005. DVD primeira temporada. Episódios: 2 – Quit Smoking (21 min.), 10 – White Lie Christmas (22 min.).

Psych (seriado). Direção: Michel Engler. Distribuição: Universal. 2007. DVD primeira temporada. Episódio 15: Scary Sherry: Bianca's Toast (43 min.).

Dicionários

BUENO, Francisco da Silveira, 1898. *Dicionário Escolar da Língua Portuguesa*. Ministério da Educação. Fundação de Assistência ao Estudante (FAE). Rio de Janeiro, 1986.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Nova Fronteira, 3a ed. Rio de Janeiro, 1993.

HOUAISS, Antonio e e VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.